

**EGRESSOS DA GRADUAÇÃO**

**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

# Avaliação



Comissão Própria de Avaliação



**2006 - 2010**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – CPA**

**RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**PONTA GROSSA  
2011**

## *A*valiação

*é um fenômeno que permite a revelação de todas as nossas concepções. Mais que um processo de natureza técnica e asséptica, é uma atividade imbuída de dimensões pedagógicas, políticas e morais. Pelo modo como se pratica a avaliação, poderíamos chegar às concepções do profissional que a empreende a respeito da sociedade, das instituições de ensino, da aprendizagem e da comunicação interpessoal.*

Miguel Angel Santos Guerra (2007)

## **REITORIA**

### **Reitor**

João Carlos Gomes

### **Vice-reitor**

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

## **PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO**

Altair Justino

## **COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO**

Mary Ângela Teixeira Brandalise

Clícia Bühner Martins

Cláudio Puríssimo

Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Diva Brecailo Abib

Esméria de Lourdes Savelli

Jeremias Borges da Silva

José Trobia

Josiane Cristine Bachmann Madalozzo

Luciane Tessaroli Dezont

Sandra Cogo

Vanessa Sabóia Zappia

Adriano Augusto Pantaleão

Giane Correia Silva

Nicolý Talita Hrycyna Belo

**COORDENADORA DE CURSO**

Rosângela Maria Silva Petuba

**MEMBROS DO COLEGIADO**

Angela Ribeiro Ferreira

Denise Puglia Zanon

Elizabeth Johansen

Erivan Cassiano Karvat

Luis Fernando Cerri

Maria Marce Moliani

Rosângela Wosiack Zulian

Silvana Maura Batista de Carvalho

## SUMÁRIO

<b>1 Apresentação</b> .....	6
<b>2 Avaliação dos egressos do Curso de Licenciatura em História</b> .....	7
<b>2.1 Análise geral do AVA</b> .....	7
2.1.1 Gênero/Sexo.....	7
2.1.2 Idade.....	8
2.1.3 Ano de conclusão egressos.....	9
2.1.4 Cidade de residência atual .....	10
<b>2.2 Formação na graduação</b> .....	11
2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso.....	11
2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional .....	12
2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho.....	19
2.2.4 Sugestão à organização curricular do curso.....	20
<b>2.3 Atuação Profissional</b> .....	20
2.3.1 Relação área de graduação X área profissional .....	20
2.3.2 Tipo de exercício profissional .....	21
2.3.3 Tipo de atuação profissional.....	22
2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho.....	23
<b>2.4 Qualificação Pós-Graduação</b> .....	25
<b>3 Considerações Finais</b> .....	25
<b>3.1 Colegiado de Curso</b> .....	25
<b>3.2 Comissão Própria de Avaliação</b> .....	27
3.2.1 Parecer da Comissão Própria de Avaliação .....	28
<b>4 Referências</b> .....	29

## 1 Apresentação

A avaliação dos cursos de graduação das instituições de ensino superior atualmente é uma das exigências do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes. A avaliação externa, desencadeada nacionalmente através do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade e da Avaliação de Cursos, busca averiguar a qualidade dos cursos de graduação agregando as notas dos estudantes e os insumos da instituição quanto à infraestrutura, aspectos pedagógicos e administrativos, matrículas, regime de trabalho docente, conceitos de curso, entre outros.

Paralelamente à avaliação externa cabe a cada Instituição de ensino superior desencadear os processos de avaliação interna e, é nessa perspectiva que se insere a avaliação dos cursos de graduação realizada pelos egressos do período 2006-2010, desenvolvida na UEPG no primeiro semestre de 2011.

O processo avaliativo foi desenvolvido pela Comissão Própria da Avaliação, em parceria com os coordenadores de curso de graduação, desde a fase de concepção da avaliação, da definição das dimensões a serem avaliadas, da elaboração coletiva do instrumento, da criação do sistema informatizado, da sensibilização e mobilização dos egressos, da participação dos egressos até a fase de organização, análise e divulgação dos resultados.

O instrumento avaliativo construído coletivamente foi composto de 12 questões, sendo 6 (seis) fechadas, 4 (quatro) abertas e 2 (duas) semi-abertas. Os dados oriundos das respostas dadas às questões pelos egressos dos cursos de graduação da UEPG, participantes da pesquisa, foram agrupados nas seguintes categorias ou dimensões neste relatório: a) perfil do egresso; b) formação na graduação; c) atuação profissional e d) qualificação na pós-graduação.

O processo avaliativo realizado envolveu todos os cursos de graduação da UEPG. Dos 6.575 egressos aptos 1.281 responderam todo o questionário, constituindo uma amostra significativa de 19,48%. O desenvolvimento da avaliação dos cursos de graduação na perspectiva dos egressos possibilitou a identificação das potencialidades e fragilidades da formação recebida, a trajetória profissional e a continuidade da qualificação em nível de pós-graduação após a conclusão do curso.

Neste relatório a Comissão Própria de Avaliação registra os resultados da percepção de egressos do curso **Licenciatura em História**, na modalidade presencial da UEPG. Espera-se que apesar das limitações inerentes a todo processo avaliativo, a análise dos dados aqui apresentada contribua para uma reflexão crítica da qualidade acadêmica e, ao mesmo tempo, possibilitem o (re)pensar contínuo das ações dos gestores institucionais.

*Mary Ângela Teixeira Brandalise*  
*Presidente da Comissão Própria de Avaliação*

## 2 Avaliação dos egressos do Curso de Licenciatura em História

Este texto é uma síntese e uma interpretação dos dados da Avaliação de Curso pelos Egressos da Licenciatura em História.

A avaliação foi composta por questões abertas, fechadas e mistas, num total de doze. Os dados qualitativos, das questões abertas, são constituídos pelas escritas. Os dados quantitativos, relativos às questões fechadas, foram disponibilizados através de tabelas e gráficos.

Na Licenciatura em História 40 egressos participaram da avaliação promovida pela CPA, esse número representa uma amostra significativa do total de formados nos últimos cinco anos (2006, 2007, 2008, 2009, 2010).

O Colegiado de Curso optou por realizar a análise da avaliação separando os dados em quantitativos e qualitativos e cruzando-os à medida que fosse possível. As respostas escritas, principalmente na questão sobre a aplicabilidade da formação recebida na vida profissional, foram analisadas separando as respostas, de acordo com as incidências presentes nas respostas, em quatro categorias:

- Qualidade da formação no curso
- O curso de licenciatura e a realidade escolar
- Formação para a pesquisa
- Formação continuada.

Optou-se sempre que possível pela preservação na íntegra das falas dos egressos, afim de que o universo das representações, avaliações e expectativas sobre a formação fosse mantido, possibilitando inclusive interpretações posteriores.

### 2.1 Perfil do Egresso

#### 2.1.1 Gênero/Sexo

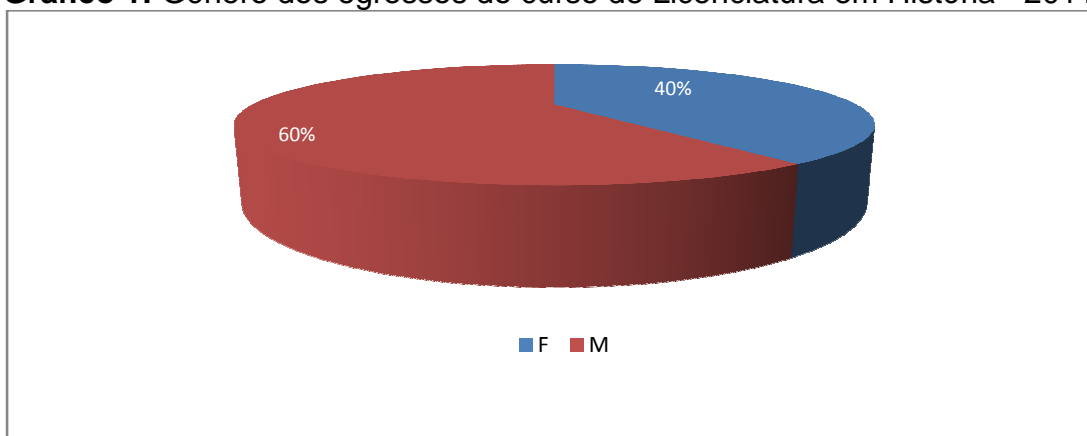
**Tabela 1:** Gênero dos egressos do curso de Licenciatura em História

<b>GÊNERO</b>	<b>Total</b>
F	16
M	24
<b>Total geral</b>	<b>40</b>

Fonte: CPA/UEPG



**Gráfico 1:** Gênero dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011



Fonte: CPA/UEPG

Os dados do Gráfico 1 demonstram que dos 40 egressos participantes do processo de avaliação, 24 são homens e 16 são mulheres. Eles indicam a licenciatura como área profissional atrativa para ambos os sexos, face à reorientação das políticas públicas para educação no Estado do Paraná na última década que levaram à valorização da carreira docente, com o desdobramento do plano de carreira, a criação da hora-atividade entre outras iniciativas.

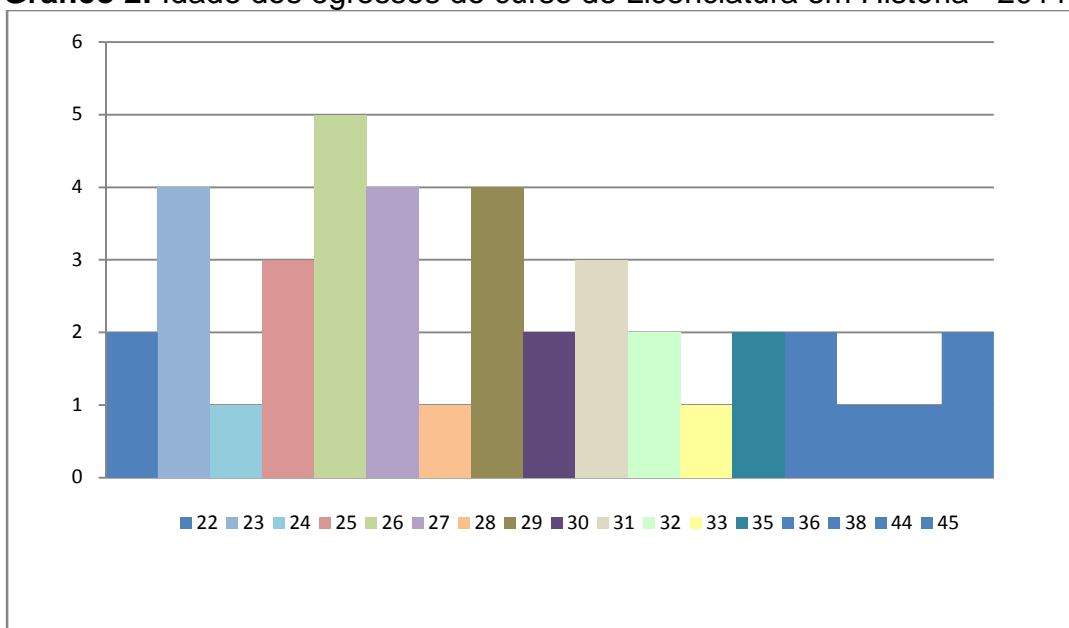
#### 2.1.2 Idade

**Tabela 2:** Idade dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011

<b>IDADE</b>	<b>Total</b>
22	2
23	4
24	1
25	3
26	5
27	4
28	1
29	4
30	2
31	3
32	2
33	1
35	2
36	2
38	1
44	1
45	2
<b>Total geral</b>	<b>40</b>

Fonte: CPA/UEPG

**Gráfico 2:** Idade dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011



Fonte: CPA/UEPG

Em relação a faixa etária observa-se que um percentual superior a 50% dos egressos tem até 30 anos de idade. Do total de respondentes onze egressos tem até 39 anos de idade e apenas três têm idade acima de 40 anos, o que indica um perfil relativamente jovem de licenciados.

### 2.1.3 Ano de conclusão egressos

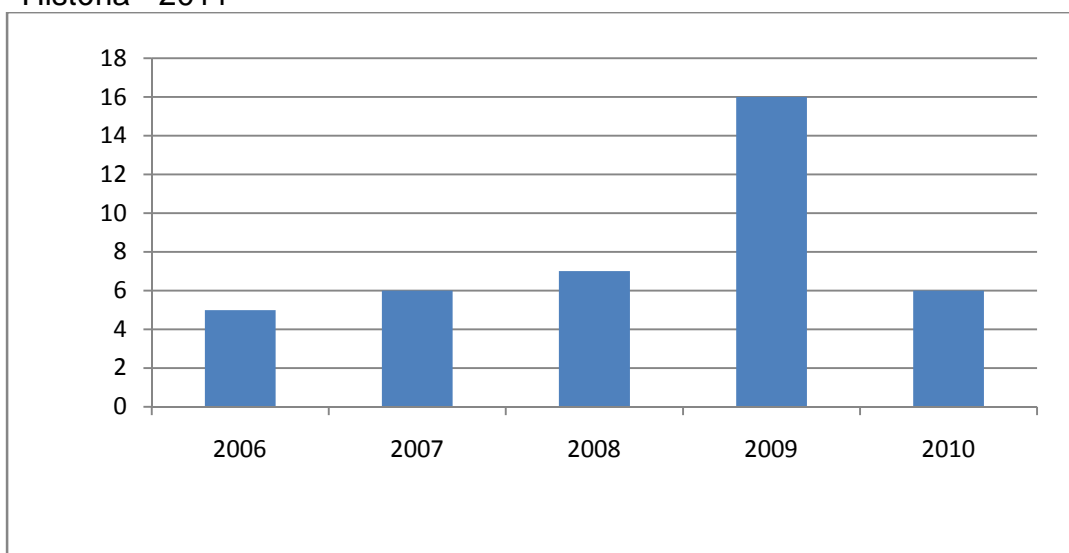
**Tabela 3:** Ano de conclusão dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011

<b>ANO_CONCLUSÃO</b>	<b>Total</b>
2006	5
2007	6
2008	7
2009	16
2010	6
<b>Total geral</b>	<b>40</b>

Fonte: CPA/UEPG

Participaram da avaliação acadêmicos egressos entre os anos 2006 e 2010, num total de 40 pessoas, sendo que o maior número está entre os formados em 2009.

**Gráfico 3:** Ano de conclusão dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011



Fonte: CPA/UEPG

#### 2.1.4 Cidade de residência atual

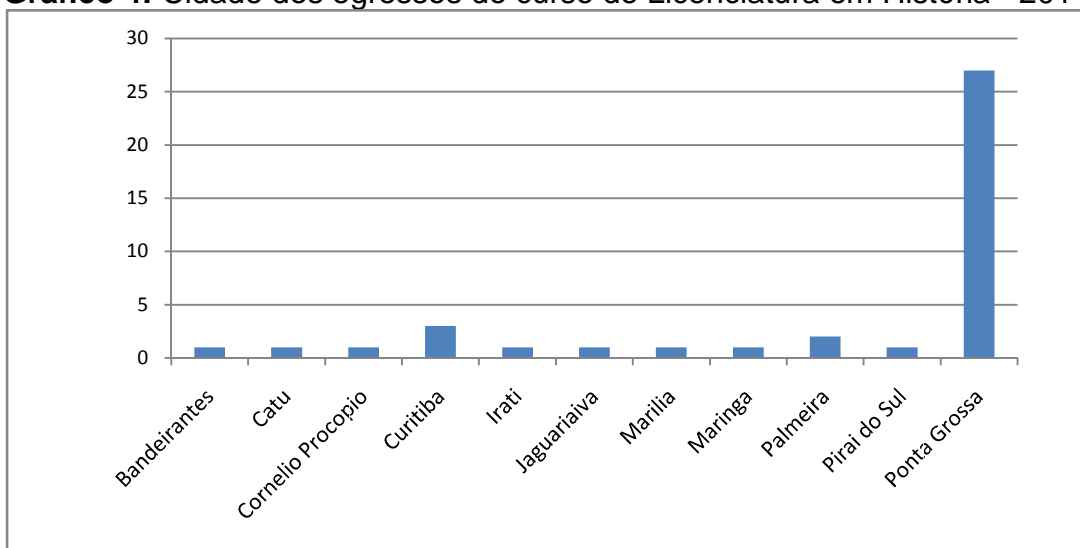
**Tabela 4:** Cidade dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011

<b>CIDADE</b>	<b>Total</b>
Bandeirantes	1
Catu	1
Cornelio Procopio	1
Curitiba	3
Irati	1
Jaguariaiva	1
Marilia	1
Maringa	1
Palmeira	2
Pirai do Sul	1
Ponta Grossa	27
<b>Total geral</b>	<b>40</b>

Fonte: CPA/UEPG

Os dados da Tabela 4 apontam a importância da UEPG na formação de professores de história, pois do total de 40 egressos, 35 são de Ponta Grossa, Curitiba e cidades da Região dos Campos Gerais. Esse número indica a forte inserção regional da Universidade.

**Gráfico 4:** Cidade dos egressos do curso de Licenciatura em História - 2011



Fonte: CPA/UEPG

## 2.2 Formação na graduação

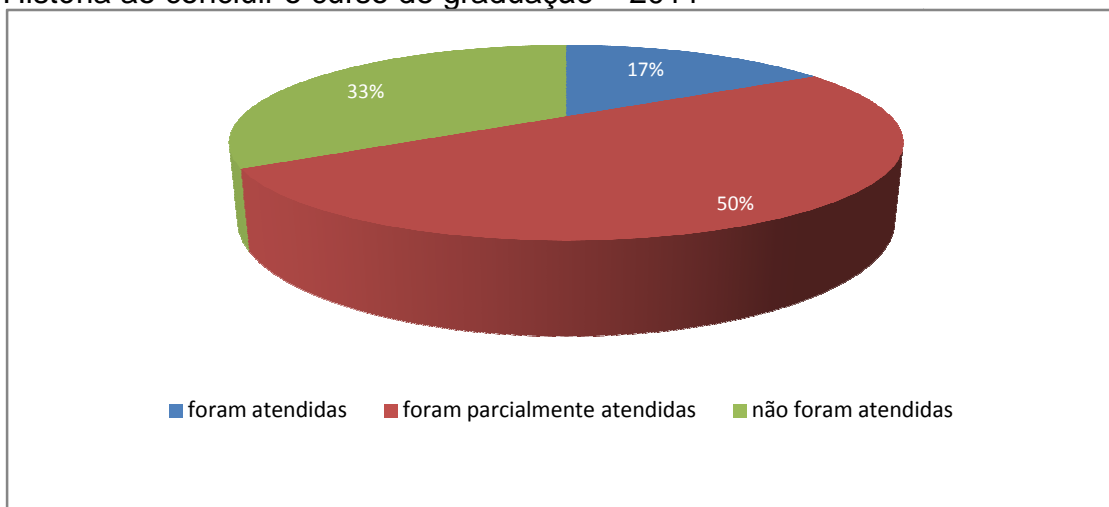
### 2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso

**Tabela 5:** A expectativa dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História ao concluir o curso de graduação - 2011

Opção	(Qt)	(%)
foram atendidas	10	25,00%
foram parcialmente atendidas	25	62,50%
foram superadas	2	5,00%
não foram atendidas	3	7,50%
<b>Total geral</b>	<b>40</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: CPA/UEPG

**Gráfico 5:** A expectativa dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História ao concluir o curso de graduação – 2011



Fonte: CPA/UEPG

De acordo com a Tabela 5, a expectativa dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História ao concluir o curso de graduação, é positiva (92,5%). As respostas negativas, em que as expectativas não foram atendidas representam 7,5%. Isso pode revelar que a proposta do curso aproxima-se das expectativas iniciais dos acadêmicos.

### 2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional

Em relação a aplicabilidade da formação na atuação profissional, 24 egressos responderam que foi boa (60%), 3 responderam que foi excelente (8%) e 13 que foi regular (33%). Ou seja, 68% responderam de forma positiva sobre a aplicabilidade da formação que tiveram.

Por outro lado, no que tange ao exercício profissional assinalam a dificuldade na articulação entre a realidade escolar e a formação recebida na Licenciatura.

Todas essas percepções podem ser visualizadas na leitura das falas abaixo, que foram agrupadas de acordo com quatro eixos temáticos recorrentes em avaliações (boa, excelente, regular):

- Qualidade da formação no curso

Os egressos ao avaliarem a formação recebida destacam o amadurecimento intelectual, a construção ou o refinamento de sua percepção diante da sociedade, ou seja, o desenvolvimento da consciência histórica e do pensar historicamente. Esse amadurecimento certamente influencia/influenciará em sua atuação como profissionais da educação, assim como numa postura crítica nos diversos papéis sociais.

Há clareza, em alguns casos, que a conclusão do curso de graduação é apenas o ponto de partida do trabalho docente, embora destaquem a necessidade de maior interação entre as disciplinas/professores integrantes do curso.

Outro elemento presente nas falas é a crítica a endogenia do currículo, muito centrado na área específica, desfavorecendo o diálogo interdisciplinar.

*Proporcionou-me um grande amadurecimento intelectual.*

*A formação recebida prepara satisfatoriamente para exercer a função.*

*Avalio muito bem a formação recebida na graduação.*

*Não tive oportunidade de trabalhar em sala de aula até o momento, mas avalio como boa, pois me sinto preparado para fazer.*

***A formação universitária é apenas o ponto de partida para a carreira, já que a formação do professor deve ser continuada, adaptando-se constantemente a realidade do país.***

*As disciplinas específicas foram de excelente qualidade, objetivas e aprofundadas em seus conteúdos. (...) Como sugestão acredito que de alguma forma deve haver maior interatividade entre professores de outros departamentos e o colegiado de História.*

*Acredito que os temas abordados durante o curso são atuais e pertinentes para o campo educacional.*

*Faltou em algumas disciplinas mais aprofundamentos teóricos, também as disciplinas voltadas para educação não foram bem aproveitadas.*

*Se houvesse mercado de trabalho atenderia com satisfação. Precisava ser mais sinceros e diretos quanto ao mercado de trabalho, o Bacharelado mesmo você vai descobrir que o curso não tem campo de atuação e colocação praticamente zero, e não nos é dito isso na graduação e sim são vendidas falsas esperanças de um campo promissor.*

*Acredito que os conhecimentos acadêmicos venham contribuir para a aplicabilidade em sala de aula. E também para a minha realização pessoal, enquanto sujeito e mediador do conhecimento histórico.*

*Formação me tornou uma profissional com atitude.*

*Considero a formação excelente. Atualmente estou cursando uma segunda licenciatura, que é bastante diversa da graduação em história, de modo que vejo como positiva a formação recebida, voltada à interdisciplinaridade, à formação mais global do acadêmico, etc.*

***A formação deu subsídios para vida profissional, mas no dia a dia só a graduação não é o suficiente.*** *Não se pode fazer o curso universitário e se achar pronto para ser um ótimo profissional, pois tudo o que vemos na teoria não se aplica muitas vezes na prática, ainda mais sendo professor, lidamos com pessoas e cada caso é um caso. Podemos ter uma hipótese dos resultados que teremos, mas nem sempre o resultado é como o esperado no planejamento das aulas.*

*Acredito que a universidade deveria rever a divisão de cursos como o de História entre bacharelado e licenciatura. Primeiro, porque se for falar em 'aplicabilidade na vida profissional' considerando a profissão*

de 'Historiador' (no sentido daquele que produz conhecimento histórico e/ou fomenta de alguma forma sua produção e manutenção) ligada ao bacharelado, a vida profissional, nesse sentido, praticamente inexistente. Sei também que isso não é prerrogativa da academia, porém torna a divisão do curso extremamente patética. Falando sobre a licenciatura, outra coisa que a universidade deveria repensar é a questão de quem sai do bacharelado e vai pra licenciatura (que hoje já não são tão poucos assim). Ao se tratar os órgãos estaduais [universidades, secretarias, etc.] genericamente como 'Estado' considero extremamente incoerente, dentre outras coisas, cobrar o vestibular pra licenciatura nesses casos. Sendo que, quando esse mesmo Estado contrata professores, coloca que não são 2 cursos, mas sim que um é complemento do outro. Entendo que complementação deveria ser tratada de forma diferenciada, mesmo discordando da existência dos dois cursos em separado.

Considero pouco consistente a formação, ocasionada principalmente pela ausência de recursos básicos, como livros, e também pela falta de tempo para empregar ao estudo. Como o curso trata-se de Licenciatura em História não há muita área de atuação fora da licenciatura, mercado saturado hoje. Por essa razão hoje optei por fazer um novo curso superior que não seja licenciatura.

**A formação não depende somente da instituição de ensino, mas também da dedicação dos discentes,** considero que poderia ter melhor aproveitado meu período de formação. Também a grade curricular a qual fomos formados tinha suas deficiências. Por exemplo: nossa grade não teve Antropologia, Filosofia, Sociologia, nas disciplinas de História Antiga e Medieval foi muita matéria para pouquíssimo tempo (...). Pouca carga horária a ser cumprida em sala de aula, pois a maior dificuldade creio ser a inexperiência profissional, a partir do momento que temos um maior tempo em campo de atuação, as expectativas melhoram quanto ao futuro profissional.

Na academia temos professores que vivem num mundo de faz de conta (...), pois são professores que há algum tempo não vivem a realidade da escola devido a isso não têm condições de formar profissionais preparados para enfrentar a realidade das salas de aula.

**Embora o emprego não seja diretamente ligado ao curso que me formei, percebo que o curso deu-me suportes para o meu trabalho no dia a dia como Orientador Social** do Projovem Adolescente, principalmente no que se refere a questão de que tanto equipe do Programa qual trabalho, assim como os próprios participantes (adolescentes com idade de 15 à 17 anos), possam **desenvolver uma consciência crítica perante a realidade qual vivem,** de modo que não sejam somente sujeitos passivos no contexto que estão inseridos, mas passem a desenvolver projetos e perspectivas de modo que em partes possam sanar as suas necessidades.

Me auxiliou na vida profissional e no ingresso no mestrado.

*Aconteceu justamente num momento marcante de transição em relação às diversidades, influenciadas pela sexualidade, gênero, raças, ferramentas já trabalhadas na graduação.*

- O curso de licenciatura e a realidade escolar.

Os egressos ao avaliarem a sua formação apontaram um distanciamento entre a formação e o cotidiano escolar. Isso pode significar que os acadêmicos ainda não conseguem fazer a articulação entre as disciplinas ou que a percepção da teoria e da prática como campos independentes ainda está presente no curso e na prática dos professores. Por outro lado, cabe ressaltar a possibilidade do egresso não perceber que a graduação é apenas a formação inicial e que sua constituição como docente, assim como qualquer outro profissional em início de carreira, dar-se-á ao longo dos anos. Como afirma Antonio Nóvoa: “O diálogo profissional tem regras e procedimentos que devem ser adquiridos e exercitados nas escolas de formação e nos primeiros anos de exercício docente. Sem isso, continuaremos a repetir intenções que dificilmente terão uma tradução concreta na vida dos professores e das escolas”.

*Na vida profissional como docente nas escolas públicas, a realidade é um pouco diferente da 'versão' vivida na acadêmica. Acho que as licenciaturas poderiam se aproximar ainda mais da realidade escolar. (...).*

*Há pontos a serem melhorados, mas estes incluem uma reforma geral em como pensar a didática e educação no Brasil, respostas que estão longe de serem sanadas.*

*Considero boa, porém ao entrar na sala de aula como professora de história, vi que há a necessidade de um maior contato com o cotidiano da escola, e que nem sempre o que é teoricamente discutido na Universidade se aplica a realidade escolar. Por isso uma maior convivência com o ambiente escolar seria de muita importância para o bom rendimento do profissional do futuro. Sem contar na vida prática do professor como livros de chamada e planos de trabalho docente coisas que, ao menos durante o curso, não vimos a acabamos por ter dificuldade em fazer quando entramos na escola.*

*Como aluna de licenciatura, acredito que apesar de ter recebido uma boa formação, ela ficou carente em algumas áreas específicas. Saí da faculdade sem me sentir preparada para atuar como professora, apesar de ter amadurecido muito academicamente, não dispunha de um conhecimento satisfatório em relação ao conteúdo que trabalharia*



*com meus alunos e também não sabia muito bem me portar como professora. O que realmente eu adquiri foi capacidade crítica para fazer leituras, a qual me possibilitou elaborar e preparar minhas aulas, além da bagagem cultural passada por grandes professores. A didática e o trato com os alunos aprendi na prática, a duras custas.*

*Porque estou utilizando no meu dia a dia, principalmente no que se refere as disciplinas de Oficina de História, onde coloco em prática no meu ambiente de trabalho com os adolescentes, trabalhando a realidade e o dia a dia destes.*

*A graduação nos oportuniza discutir e por em prática questões ligadas aos problemas atuais da educação e nos leva a refletir sobre a nossa realidade e faz com que os educandos procurem alternativas para solucionar tais questões.*

*Por mais que não consiga aplicar todos os dias o que aprendi em na faculdade porque nosso ensino ainda é lamentável, eu consegui fazer o que aprendi em Oficina (I, II, III, IV e V) em partes e quando a turma foi só minha (todo um período tendo apenas eu como professora de História, pois sou PSS) ainda melhor, atrelando conteúdo, pesquisa, conceitos como aprendi na faculdade.*

*A formação teórica foi boa, mas na questão prática deixou a desejar.*

*Muitas disciplinas ficaram aquém do esperado, a realidade vivida dentro da sala de aula, na prática de ensino, não condiz com várias das propostas das disciplinas do curso formado. Este choque de realidades faz com que os graduados entrem em contato com um mundo distante daquilo que se vive enquanto acadêmico. Muitas vezes analisa-se que muitas disciplinas são estão preenchendo a grade curricular sem nenhuma finalidade, pois aquilo que era estudado em uma disciplina num ano, no outro ano chegava outra disciplina e via-se novamente tudo aquilo que já havia sido estudado anteriormente.*

*Os bancos acadêmicos, no que se refere à área de licenciatura, não mostram a realidade do cotidiano enfrentado pelo professor e sim debatem após relatórios de estágios, o que os professores deveriam fazer na rede pública, enfim, defendem questões de forma demagógica como se fossem salvadores do mundo e não discutem qual seriam os meios de se atenuar a ausência do Estado, que joga toda a carga de responsabilidade em cima do profissional da educação (...). Com isso, deveria de mudar as grades acadêmicas e colocar à disposição dos alunos estagiários cursos, como Libras e saber fazer leituras em braile. Tantos outros pontos poderiam serem abordados, como remuneração precária até a intencionalidade governamental de privatização do ensino. Pensar a escola pública.*

*Analizando minha formação percebo que houve uma grande divergência com o que a execução da profissão. Existe uma grande*

*divergência entre o saber acadêmico na área de História e o que é trabalhado em sala de aula com os alunos.*

- Formação para a pesquisa

Nesse eixo temático, evidencia-se que a ausência da prática de pesquisa, viabilizada pela exigência de uma monografia de conclusão de curso, assim como da participação em projetos de iniciação científica, entre outros, é apontada como uma deficiência na consecução da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, componente central na formação do professor pesquisador.

*Acredito que o curso correspondeu a algumas das propostas em relação à licenciatura, mas infelizmente deixou a desejar em relação à pesquisa.*

*Existem algumas disciplinas que ainda merecem mais atenção com relação ao professor que as ministras para que ocorra a boa formação. **Como muito ouvimos falar ao longo dos quatro anos que passamos na academia, não há professor que não seja pesquisador, entretanto, acredito que no curso de Licenciatura em História, especificamente, houve déficit em determinadas disciplinas teóricas, (...), não me vejo capacitada para discutir essas correntes teóricas com base na bagagem recebida pela Universidade, correntes essas que formam as bases de pesquisas atuais, isto se o que entendo por essas correntes estiver correto.***

*A formação em Licenciatura em História atende não só a formação didática ela também privilegia a autonomia de produção científica de seus educandos. Os alunos saem da academia sabendo escrever artigos, monografias, materiais didáticos e resenhas e isso nos torna capazes de pesquisar e produzir constantemente fazendo com que a qualidade profissional seja sempre aperfeiçoada e renovada.*

*Considero que a formação recebida na graduação em relação a aplicabilidade na vida profissional possa ser considerada como regular, porque apesar do esforço do departamento em formar professores pesquisadores o curso ainda estava muito voltado para a questão da formação de professores, dando ênfase a processos didáticos, desvinculando muitas vezes de uma formação continuada na academia e na pesquisa. Outro ponto a ser considerado é que, apesar de muitos professores serem excelentes e estarem atuando em suas linhas de pesquisa, muitos estavam deslocados desta prerrogativa, o que acabou prejudicando o processo de ensino e pesquisa. Outro ponto é a ser considerado é a falta de oportunidades de participação em iniciação científica e extensão universitária devido ao pequeno número de professores que se envolviam com estes trabalhos.*

- Formação continuada

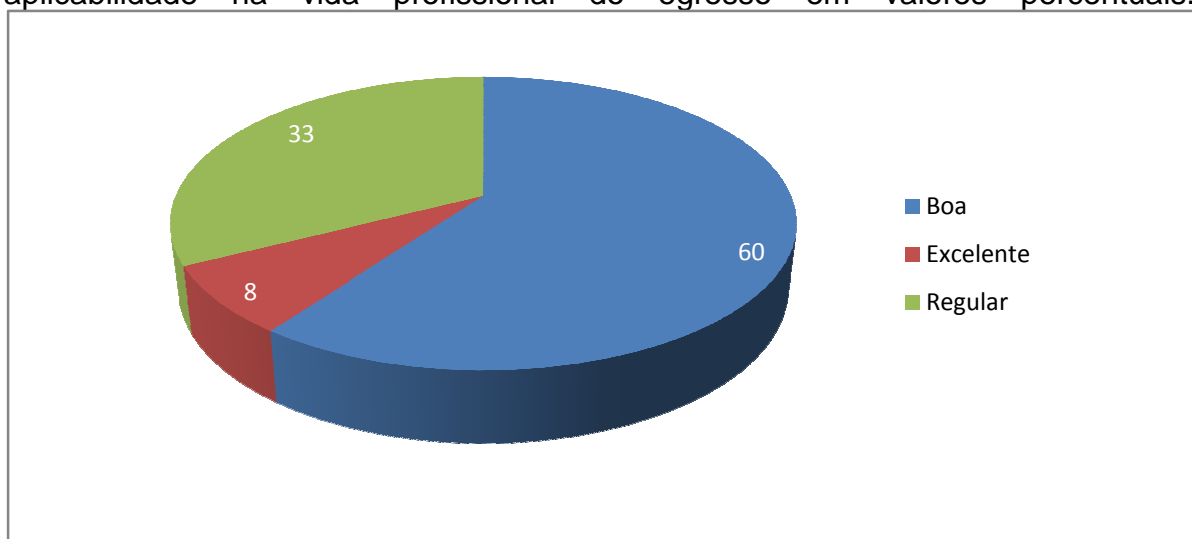
As respostas elaboradas nesse eixo ao reconhecerem a necessidade de uma formação continuada, face às exigências do exercício profissional docente, reforçam a ideia de que a graduação é apenas o ponto de partida da formação para o licenciado. E coloca para a Instituição o desafio de oportunizar tal formação, seja por meio de curso de pós-graduação e eventos.

*Pois poderia haver mais programas destinados para egressos, ou mesmo pós-graduação (mestrado) na minha área (História) para promover maior aplicabilidade na vida profissional, afinal são muitos os licenciados em História. Além disso, não tive formação na graduação para atuar com exigências que já eram latentes na legislação educacional: inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena.*

*Ainda estou avaliando a formação recebida na vida profissional, sendo que é de extrema importância pós-graduação, já que a graduação atende parcialmente as expectativas do curso ofertado.*

*Talvez por nossa turma de graduação, ser a primeira da nova grade em 2004-2007, ainda seriam feitos ajustes no desenvolver do curso e algumas coisas ficaram falhas.*

**Gráfico 6:** Avaliação da formação recebida na graduação em relação à aplicabilidade na vida profissional do egresso em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

### 2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho

**Tabela 6:** A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Licenciatura em História - 2011

Opção	(Qt)	(%)
a competitividade no mercado de trabalho	7	17,50%
a defasagem tecnológica da UEPG	1	2,50%
a defasagem teórico-metodológica do currículo do curso	2	5,00%
a inexperiência profissional	2	5,00%
a relação teoria-prática	6	15,00%
a remuneração abaixo do piso da categoria	3	7,50%
o distanciamento da formação em relação à atuação profissional	8	20,00%
outra situação.	1	27,50%
<b>Total geral</b>	<b>40</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: CPA/UEPG

**Gráfico 7:** A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Licenciatura em História – 2011



Fonte: CPA/UEPG

Nos dados referentes ao item 2.2.3 expressos na Tabela 6 e no Gráfico 4 dois percentuais chamam a atenção: “a relação teoria-prática” (15%) e “o distanciamento da formação em relação às necessidades de atuação” (20%). Ambas abordam a relação teoria-prática, ao problematizarem a interação entre o currículo e as necessidades do campo de atuação. Aliás, este é um dado presente não só neste item, mas também nas falas dos egressos quando indagados sobre a aplicabilidade da formação na vida profissional: “A formação teórica foi boa, mas na questão prática deixou a desejar”.

## 2.2.4 Sugestão à organização curricular do curso

No que tange a sugestão dos egressos em relação à organização curricular do curso, as questões giram em torno da resolução das fragilidades apontadas nas quatro categorias acima: formação continuada, formação para a pesquisa, aproximação da formação do curso de licenciatura e a realidade escolar, maior interatividade entre extensão e graduação, inclusão de disciplinas que preparem melhor o acadêmico para a convivência com as diversidades no cotidiano escolar.

## 2.3 Atuação Profissional

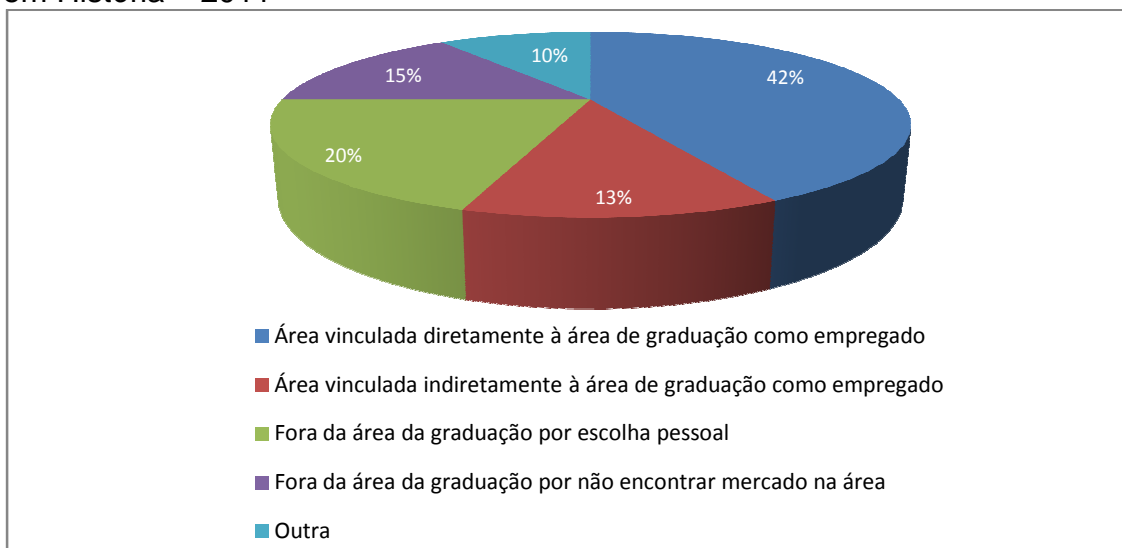
### 2.3.1 Relação área de graduação X área profissional

**Tabela 7:** A área profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Área vinculada diretamente à área como empregado	17	42,50%
Área vinculada indiretamente à área como empregado	5	12,50%
Fora da área da graduação por escolha pessoal	8	20,00%
Fora da área da graduação por não encontrar mercado na área	6	15,00%
Outra	4	10,00%
<b>Total geral</b>	<b>40</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: CPA/UEPG

**Gráfico 8:** A área profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História – 2011



Fonte: CPA/UEPG

Considerando que nem todos os egressos fizeram licenciatura com interesse na docência, os números expressos no Gráfico 5 são significativos. São 42% atuando na docência de história e mais 13% atuando em áreas indiretas (provavelmente dando aulas de Religião, Sociologia, Filosofia, Artes) nas escolas. Soma-se a isso 20% que não está atuando na área por opção, porque já tinham outro emprego (é comum no curso de história: militares, funcionários públicos), é o caso do público com mais de 30 anos de idade que frequenta o curso como expressa a tabela 2.

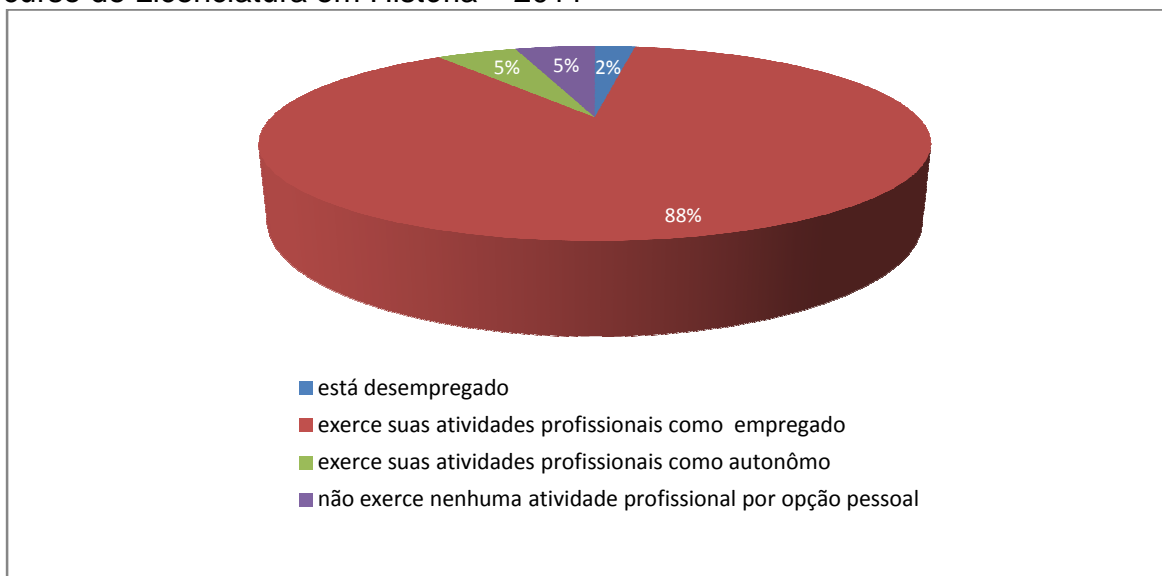
### 2.3.2 Tipo de exercício profissional

**Tabela 8:** As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História - 2011

Opção	(Qt)	(%)
está desempregado	1	2,50%
exerce suas atividades profissionais como empregado	35	87,50%
exerce suas atividades profissionais como autônomo	2	5,00%
não exerce nenhuma atividade profissional por opção pessoal	2	5,00%
<b>Total geral</b>	<b>40</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: CPA/UEPG

**Gráfico 9:** As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História – 2011



Fonte: CPA/UEPG

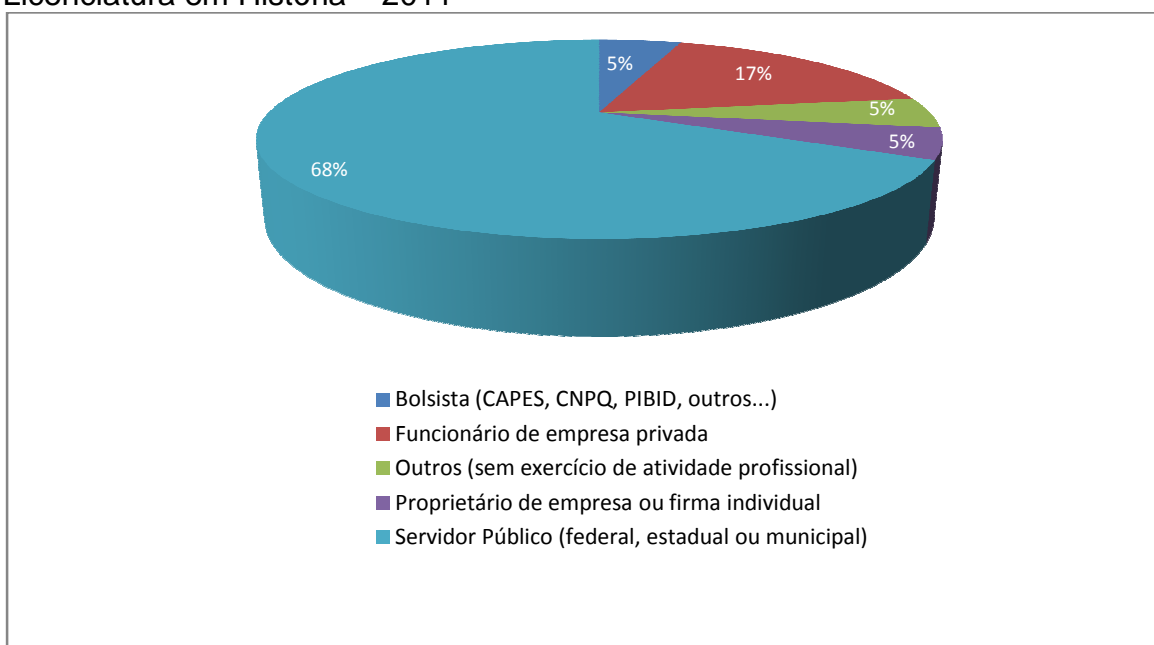
### 2.3.3 Tipo de atuação profissional

**Tabela 9:** A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Bolsista (CAPES, CNPQ, PIBID, outros...)	2	5,00%
Funcionário de empresa privada	7	17,50%
Outros (sem exercício de atividade profissional)	2	5,00%
Proprietário de empresa ou firma individual	2	5,00%
Servidor Público (federal, estadual ou municipal)	27	67,50%
<b>Total geral</b>	<b>40</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: CPA/UEPG

**Gráfico 10:** A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em História – 2011



Fonte: CPA/UEPG

Outro dado positivo em relação aos egressos é apresentado nas Tabelas 7 e 8, dos 40 participantes da avaliação apenas 1 está desempregado, 2 são bolsistas (e por isso aparecem como não empregados por opção na tabela 7), 2 são autônomos e 35 são empregados, dos quais 27 são funcionários públicos.

### 2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho

As respostas fornecidas nesse item foram organizadas a partir do critério de ocupação na área e variação de tempo até o primeiro emprego.

Entre os profissionais formados, aproximadamente 67% conseguiram seu primeiro trabalho na área em menos de dois anos após a conclusão do curso. Esse percentual indica a demanda existente na área. Considerando o número de pessoas que já atuavam em outras áreas e não mudaram de emprego por opção, esse percentual poderia ser maior.

#### 2.3.4.1 Até um ano depois da conclusão do curso

*Concluí em dezembro de 2009, me formei em fevereiro de 2010 e dia 13 de maio de 2010 eu consegui aula pelo PSS.*

*Me formei em fins de 2007. Março de 2008 atuei como professor contratado pelo governo estadual.*

*Ainda enquanto cursava minha graduação já havia me inscrito no PSS (processo seletivo simplificado para professor estadual), enquanto acadêmica não consegui ser convocada; seis meses após formada, consegui meu primeiro emprego na área e atuo desde então.*

*Após um ano de formada comecei a atuar na rede estadual de ensino como professora PSS, pelo Estado do Paraná.*

*Após 10 meses a graduação.*

*Logo no primeiro ano de formada, em 2008, não procurei trabalho na área de formação, pois estava trabalhando em outro setor, assim que procurei dentro da área, fui contratada.*

*Na realidade, antes de concluir minha graduação, eu já estava atuando na área, como professor em escola pública.*

*No ano seguinte à formação, dei aulas em uma escola particular.*

*Eu trabalhei como professora ainda enquanto era acadêmica, comecei no final do segundo ano e não parai mais.*

*Já trabalhava na área educacional durante a graduação.*

*A partir do 2º ano da graduação já comecei a lecionar.*

*Eu iniciei a carreira do magistério antes de me formar. Faz 5 anos que atuo na área de formação.*

*Antes de graduar-me, já estava na Instituição o qual trabalho.*

*Devido à classificação do PSS (Processo Seletivo Simplificado), fui convocado e contratado recentemente (mês de junho) para trabalhar na rede pública estadual de ensino.*



#### 2.3.4.2 Até 3 anos depois da conclusão do curso

*Trabalhava em outra função logo que terminei a graduação.  
Logo terminar a licenciatura após dois anos comecei a dar aulas no Ensino público através do PSS.  
Me formei no final de 2008 e fui chamada pelo Concurso em abril de 2010.  
Passei em um concurso.  
Não procurei ocupação antes.*

#### 2.3.4.3 Mais de 3 anos depois da conclusão do curso

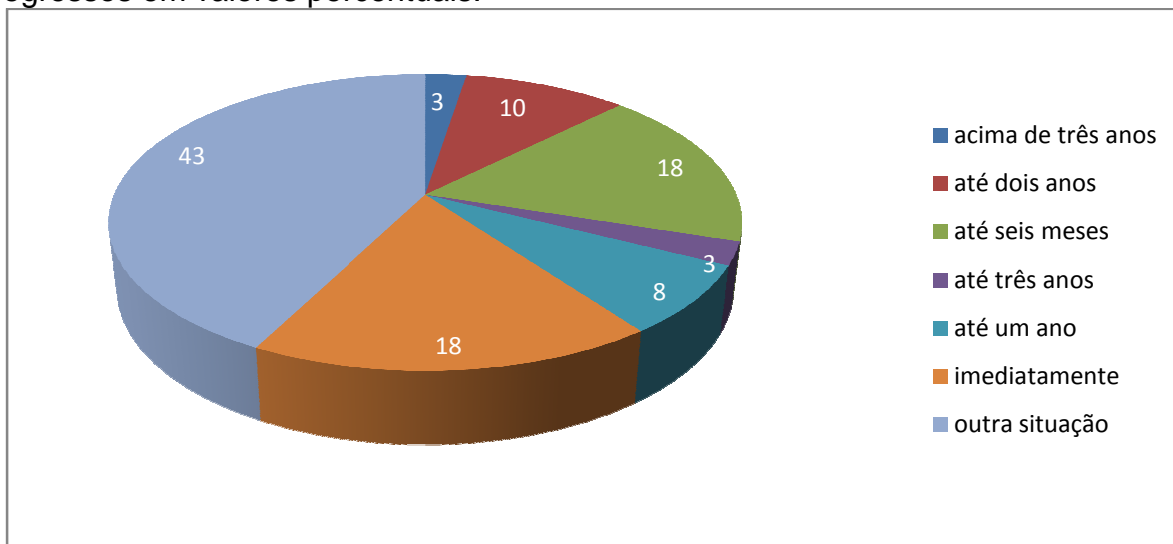
*Além de atuar como servidora pública municipal (Professora Ensino Fundamental - séries iniciais - anterior à graduação), neste ano de 2011 consegui atuar como Tutora on-line no curso de Graduação em História UEPG/UAB.*

#### 2.3.4.4 Outra situação

*Inscrição do PSS do Estado do Paraná e espera da listagem para abrir o contrato.  
Procura após esse período.  
Já estava trabalhando fora da área quando me formei.  
Durante o curso já atuava em minha área através de Processo Seletivo Seriado, realizado pelo governo com contrato temporário. Após minha formatura, fui contratada em uma empresa privada iniciando minhas atividades. Acredito que a base que me foi dada pela Universidade foi sem sombra de dúvidas importante, mas acredito que o fato de ser recém-formada e, conseqüentemente, custar menos aos cofres da empresa, acarretou muito no momento de minha contratação por parte da empresa.  
Logo depois da graduação ingressei no mestrado como bolsista REUNI.  
Atividade de envio de currículos a empresas durante a graduação.  
Continuo trabalhando na Polícia Militar do Paraná.  
Não atuo profissionalmente, pois continuo meus estudos.  
O meu emprego foi obtido antes da conclusão do curso.  
Durante a graduação já era servidor público.  
Ainda não exerci a profissão. Atualmente sou funcionária pública municipal e trabalho no Fórum de minha cidade. No período noturno faço faculdade de ciências contábeis na UEPG.  
Trabalho a mais tempo na área correlata indiretamente ao curso de graduação.  
Nenhuma atuação profissional.  
Ainda não trabalho na área de formação.  
Ainda não consegui trabalho na área de formação.  
Meu período de formação foi entre 2006 e 2009, sou funcionário público municipal desde 2002.*

*Já trabalhava como funcionário público e não consegui ainda conciliar aulas com o trabalho.  
Não atuo na área de formação, quando iniciei a graduação já trabalhava.  
Não atuo na área.*

**Gráfico 11:** Tempo decorrido entre a conclusão do curso e o primeiro emprego dos egressos em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

## 2.4 Qualificação Pós-Graduação

Em relação à qualificação de pós-graduação destacam-se os cursos de Especialização presenciais ou à distância, como primeira opção dos egressos, tanto na área de História quanto em áreas afins (Educação, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, etc).

## 3 Considerações Finais

### 3.1 Colegiado de Curso

O processo de avaliação dos egressos constituiu-se em uma oportunidade de reflexão sobre as potencialidades e fragilidades do curso de Licenciatura em História.

Mesmo partindo do pressuposto de que qualquer processo de avaliação deva ser relativizado, já que não se tem como averiguar o grau de envolvimento e/ou comprometimento do acadêmico com a própria formação, o instrumento de avaliação elaborado pela CPA, em parceria com os Colegiados de Curso, permitiu

que os egressos, em sua maioria atuando na área de formação, trouxessem informações importantes para que o corpo docente do curso de história pense sua agenda de enfrentamento dos problemas da licenciatura, único caminho para a sua melhoria constante e efetiva.

No conjunto das respostas fornecidas pelos egressos perpassaram questões importantes que dizem respeito à realidade enfrentada no campo de atuação profissional: relação teoria/prática, articulação ensino/pesquisa, enfrentamento das diversidades (culturais, gênero, étnico-raciais, inclusão educacional, entre outros).

Tanto no que tange as fragilidades quanto as potencialidades dessas problemáticas elencadas, algumas observações podem ser feitas.

O curso de História está inserido atualmente em vários projetos de pesquisa, cujo foco principal é articulação ensino e pesquisa. Entre eles destacam-se: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, além de pesquisas voluntárias; e a partir do ano de 2011, a implantação do Programa de Educação Tutorial – PET, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, Prodocência (com a criação de um laboratório de ensino).

No âmbito mais geral Colegiado de Curso com base inclusive nos dados de avaliação do Curso 2009, propôs a Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História que procurou lidar com alguns dos problemas que os alunos identificaram no curso. Entre eles, uma maior carga de teoria e metodologia da História e a busca de uma sintonia mais fina entre as disciplinas de Prática como componente curricular e as disciplinas de conteúdo, (com a criação das disciplinas de Prática de História Antiga e Medieval, Prática de História Moderna e Contemporânea e Prática em História do Brasil) assim como de Estágio Supervisionado com o restante do curso, de forma geral. Além disso, outras fragilidades apontadas começam a ser resolvidas com essa reformulação, entre elas a inclusão das disciplinas Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, Tópicos Temáticos em História Africana e AfroBrasileira e OTCC.

Acreditamos que a implantação desse novo currículo poderá de certa forma contribuir para o atendimento de forma mais abrangente das exigências e expectativas dos discentes do curso.

Para finalizar gostaríamos de destacar o fato do processo avaliativo ter instigado o aprofundamento de algumas reflexões sobre a interação entre o Curso de Licenciatura, o papel social da Universidade, principalmente na cidade de Ponta

Grossa e região e a escola pública, pois o cruzamento de dados ao longo de toda Avaliação permitiu algumas inferências: expressivo número de egressos no ensino de história atuando na rede pública, a inserção da universidade na região formando professores que atuam na própria região e por fim o desafio de refletir constantemente sobre as expectativas, necessidades e potencialidades da escola pública que se constitui em campo majoritário da atuação profissional dos egressos do Curso.

### **3.2 Comissão Própria de Avaliação**

Sendo inerente às instituições de ensino superior a formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, e aptos para o exercício profissional, a promoção do diálogo permanente com os egressos de seus cursos torna-se essencial para que a ela retornem informações sobre a qualidade da formação recebida, tanto curricular quanto ética, a inserção no mercado de trabalho, a satisfação profissional, a relação entre a ocupação e a formação profissional, além da continuidade da formação em cursos de atualização e de pós-graduação.

Dentre as diferentes possibilidades de avaliação institucional registra-se a de averiguar a opinião dos egressos dos cursos de graduação, quando já exercendo atividades profissionais, pois ela é uma das dimensões proposta pelo SINAES (9ª Dimensão).

O *feedback* dos egressos em relação ao ensino ofertado pela instituição é necessário para a proposição das mudanças nos currículos, nos processos de ensino-aprendizagem, na gestão universitária e para averiguar a trajetória profissional e acadêmica após a conclusão do curso. Nesse sentido, o egresso do curso de graduação pode constituir-se como um indicador de avaliação institucional e uma referência para avaliação da qualidade acadêmica da instituição formadora.

O processo de avaliação de egressos desencadeado na UEPG pautou-se nesses princípios, ou seja, considerou que a realidade profissional vivenciada pelos ex-alunos constitui-se como um indicador substantivo da qualidade acadêmica, evidenciando as potencialidades e fragilidades do currículo desenvolvido no processo de formação.

O desafio de construí-lo numa perspectiva crítica apontou que, para além de uma fundamentação teórica de avaliação institucional foi necessário desenvolvê-la

numa postura dialógica e democrática considerando os múltiplos fatores que a interseccionam: socioculturais, científicos e pedagógicos.

Os resultados obtidos na avaliação de egressos dos cursos de graduação da UEPG podem contribuir para avanços reais, se os gestores acadêmicos consideram a riqueza de informações, significados e perspectivas desveladas pelos ex-alunos.

### 3.2.1 Parecer da Comissão Própria de Avaliação

A avaliação de currículo se constitui em uma das dimensões mais importantes da avaliação institucional, uma vez que a missão, a filosofia, as expectativas das instituições de ensino superior se efetivam ou não na atividade fim da educação que se dá na sala de aula, entre professores e alunos.

A avaliação de currículo possibilita o conhecimento de questões relativas ao desempenho de professores, as condições do ambiente físico, da infraestrutura, da tecnologia, entre outras que estão imbricadas ao desenvolvimento curricular. Elementos que não podem e não devem ser ignorados na busca da compreensão das situações em pauta na avaliação do currículo.

É essa riqueza e complexidade dos processos avaliativos que oportunizam a aprendizagem do diálogo, da ação, da reflexão sobre as ocorrências vividas movimentando a prática e construindo pressupostos teóricos de ação (CAPPELLETTI, 2010).

É nessa perspectiva que as experiências de avaliação vivenciadas pelos colegiados de curso têm oportunizado vivências de situações pelos seus membros que desafiam e que, em determinados momentos, faz-se necessário recuar para poder avançar, conceder para poder ganhar, ouvir muito para poder serem escutados, enfim desenvolver habilidades de negociação. Tudo isso porque nem sempre avaliamos cursos em que os participantes possuem uma mesma concepção de mundo, de educação, de avaliação, o que cria um confronto de natureza teórica, com a qual temos que saber lidar, buscando caminhos alternativos que viabilizem as reformulações curriculares e a implantação/implementação dos projetos pedagógicos dos cursos - PPCs, tendo em vista a superação das dificuldades e dos problemas encontrados.

Observou-se a necessidade do Colegiado propor discussões e questionamentos no âmbito do curso que venham problematizar os dados

levantados na avaliação, principalmente aqueles relativos aos egressos que declararam haver a dicotomia bacharelado X licenciatura no interior do curso; declararam mencionaram ter suas expectativas iniciais em relação do curso parcialmente atendidas (62,5%); aos 33% que consideraram regular a aplicabilidade da formação recebida na vida profissional; aos 20% e 15% que consideraram como principal dificuldade enfrentada no mercado de trabalho a distanciamento da formação em relação às necessidades da atuação profissional e relação teoria-prática respectivamente.

Sugere-se que os dados da avaliação de egressos sejam analisados e confrontados, além dos dados da Autoavaliação de Cursos, realizada em 2009, conforme já mencionado no relatório do Colegiado de Curso, com a avaliação do curso realizada pelo SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) por meio do Enade.

#### **4 Referências**

FONSECA, Selva Guimarães; ZAMBONI, Ernesta. **Espaços de formação do professor de História**. Campinas: Papirus, 2008.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997. Cap. 2,9,10,12.

NÓVOA, Antonio. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a02.pdf>

NÓVOA, Antonio. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Disponível: [http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf)

PAIM, Elison Antonio. **Do formar ao fazer-se professor**. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlete M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (orgs.) Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?** Cad. Pesquisa, SP, n. 94, 1995.

SACRISTAN, José Gimeno. **Tendências investigativas na formação de professores.** In: Revista da Faculdade de Educação da UFG. N. 27, 2002.

